
Relato de Experiência do Estágio Básico Escolar em uma Escola da Rede Municipal de Ensino de Tangara da Serra – MT

Carla Reis Maia

Ketlin Dartore

Eraldo Carlos Batista

Anhanguera, Tangará da Serra – MT

Resumo: A educação é entendida como prática social humanizadora, intencional, cuja finalidade é transmitir a cultura e o conhecimento construído historicamente e socialmente pela humanidade. O objetivo deste artigo foi relatar a experiência vivida durante a realização do estágio básico II em psicologia em uma escola no município de Tangará da Serra - MT. Durante o estágio foi possível conhecer melhor as formas de atuação do psicólogo escolar dentro de uma instituição de ensino e compreender várias realidades sociais, as quais são voltadas a fatores de cidadania, a inclusão escolar, as dificuldades enfrentadas pelas crianças e adolescentes, as funcionalidades da instituição e seus desafios. Conclui-se que o estágio básico II em psicologia proporcionou às acadêmicas envolvidas a superação entre teoria e prática ao aproximá-las da realidade. Contudo, mesmo que o estágio realizado é considerado em sua essência apenas de observação foi possível, sim, em alguns momentos participar de pequenas intervenções.

Palavras-Chave: Educação. Estágio. Psicologia.

Experience Report of the Basic School Internship in a School of the Municipal Education Network of Tangara da Serra – MT

Abstract: Education is understood as a humanizing, intentional social practice, whose purpose is to transmit culture and knowledge historically and socially constructed by humanity. The objective of this article was to report the experience during the basic stage II in psychology in a school in the city of Tangará da Serra - MT. During the internship, it was possible to better understand the ways in which the school psychologist works within an educational institution and to understand various social realities, which are focused on factors of citizenship, school inclusion, the difficulties faced by children and adolescents, the functionalities of institution and its challenges. It is concluded that the basic stage II in psychology allowed the academics involved to overcome theory and practice by bringing them closer to reality. However, even though the internship carried out is considered in essence only of observation, it was possible, at times, to participate in small interventions.

Keywords: Education. Internship. Psychology.

Introdução

O estágio é uma etapa importante para o desenvolvimento da carreira de todo profissional. Mais do que ganhar experiência, ele possibilita aos estudantes conhecimento, competências e uma relação prática da teoria vista em sala de aula, proporciona uma maior compreensão dos conteúdos abordados pelo curso, além da reflexão e futura confirmação sobre a área de atuação do profissional (Milanesi, 2012).

O estágio curricular básico em Psicologia Escolar permite ao aluno se colocar nesta prática, através da observação, e adquira noções de como atuar nela, sendo uma forma de aprendizado pessoal, profissional e técnico para uma futura colocação profissional, após sua formação.

Segundo preceitua o artigo 1º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), "a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais".

A cidadania é um dos pilares de sustentação do Estado Democrático de Direito e ninguém nasce sabendo exercer todas as prerrogativas inerentes à condição de cidadão. Por isso, a preparação para o exercício da cidadania é um dos objetivos da Educação. Colocada na Constituição Federal (artigos 205 e 206), onde o Estatuto assegura à criança e ao adolescente a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
- III - Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- IV - Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; (Brasil, 1988).

Vale dizer que o Direito à Educação da criança e do adolescente impõe ao sistema educacional, a eliminação de toda e qualquer forma de discriminação para a matrícula ou para a permanência na escola. Nas palavras de Kozen, 1999,

o esforço pela inclusão social da pessoa portadora de deficiência merece especial destaque na atual legislação brasileira, o que passou a ser um dos principais objetivos da assistência social (artigo 203, incisos I V e V, da Constituição Federal). A inclusão social do portador de necessidades especiais, na linguagem dos artigos 58 a 60 da LDB, passa pela inclusão escolar. Por isso, a regra do atendimento diferenciado, preferencialmente na rede regular de ensino e nas condições explicitadas.

A inclusão escolar figurou como tema de conferências internacionais, tais como a Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em 1990 em Jomtien (Tailândia), e a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, realizada em 1994 em Salamanca (Espanha) com a cooperação da UNESCO. Nessa última, 92 governos e 25 organizações internacionais aprovaram Declaração tendo como princípio fundamental o "dever das escolas de acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras" (Brasil, 1997, p. 17).

A proposta geral do presente estudo consistiu em investigar como testar experimentalmente uma proposta minimamente invasiva de modo que fosse possível compreender a forma de atuação do psicólogo na escola.

Pode-se dizer que o estágio supervisionado é o primeiro passo para a inserção no trabalho profissional. Em função disto considera-se este momento como transitório na busca pelo novo papel a ser assumido (Monteiro; Nunes, 2008). Portanto, o estágio ganha papel de destaque, pois potencializa um contexto crucial na formação do psicólogo, no desenvolvimento de competências, de postura ética, metodológica, teórica e prática. Esta afirmativa pode ser corroborada pela argumentação de Lima (2007), que reforça a influência da supervisão de estágio na formação do supervisionando, especialmente quando a qualidade dos processos de ensino e de

aprendizagem, e as trocas realizadas enriquecem este desenvolvimento.

Sarriera e Saforcada (2008) afirmam que a produção do conhecimento acontece a partir do diálogo entre o saber popular e o acadêmico, bem como no contexto nos quais estes se inscrevem. O compromisso social do psicólogo e em primeiro lugar dos que formam psicólogos segundo Martinez (2009) é hoje mais que nunca necessário se pretendemos uma prática profissional na qual a psicologia possa ser utilizada a serviço de uma sociedade mais justa. Não basta reconhecê-lo no discurso, é necessário senti-lo e praticá-lo, assim como instrumentalizar seu desenvolvimento nos programas de formação.

Aqui, a aprendizagem assume um caráter de atividade social, uma vez que é partir da aprendizagem que o plano inter-psicológico é movimentado, não precisando aguardar o desenvolvimento de estruturas internas. Nas palavras de Núñez (2009, p. 29),

a aprendizagem torna-se condição necessária para a transformação qualitativa das funções psicológicas elementares em funções psicológicas superiores e, dessa forma, a aprendizagem estruturada de forma adequada, e de forma dialética interage e impulsiona o desenvolvimento”.

O presente estágio se faz necessário como um importante instrumento para aplicar o trabalho desenvolvido no estágio de psicologia escolar. A prática numa Instituição Escolar possibilita ao acadêmico uma experiência teórico-vivencial de grande valor para a formação de um profissional competente e capacitado. A inserção da Psicologia na Escola pode servir como um valioso instrumento na compreensão dos processos inseridos no ambiente escolar, como também fornecer um olhar diferenciado diante da diversidade e adversidades encontradas na escola – uma visão psicológica fundamentada e alicerçada num pilar teórico, prático, com a orientação de uma supervisão embasada. Possibilitando, assim, um duplo benefício: um auxílio às necessidades da escola e um verdadeiro aprendizado ao graduando de Psicologia.

Portanto o Estágio Supervisionado é um período de extrema importância para o estudante, pois é por meio dele que o aluno começa a entender a sua função enquanto profissional. Além disso, tem a

oportunidade, Nascimento, Santos e Silva (2019), de colocar em prática todo o conhecimento sobre a profissão, com base nas dimensões teórico metodológico, adquirido na graduação. Para esses autores, na dimensão ético política o estagiário consegue analisar, perante a postura profissional do seu supervisor de campo, os princípios éticos da profissão e a dimensão técnico operacional, que faz o estagiário ver na prática o que foi apresentado na faculdade.

Sendo assim, esse artigo teve como objetivo geral proporcionar a integração da teoria e da prática psicológica no âmbito educacional por meio da observação crítica; e como objetivos específicos: a) Conhecer o funcionamento de uma escola; b) Conceituar o que é a psicologia escolar e o trabalho desenvolvido pelos psicólogos na escola; c) Realizar dinâmicas para promover uma ressignificação nos pontos mais urgentes observados na escola; d) Desenvolver a autoestima, confiança, respeito e a comunicação interpessoal; e) Promover o fortalecimento das redes interpessoais dentro da escola, através de uma comunicação clara, aberta e ampla.

Estágio Básico

O estágio básico tem como objetivo geral, fazer com que o aluno tenha o primeiro contato com o campo profissional da Psicologia. Seu propósito é, portanto, desenvolvimento de um conjunto de competências básicas que envolvem práticas articuladoras do saber/fazer psicológico. Além de fortalecer os conhecimentos adquiridos em sala de aula ele proporciona a aplicação conjunta do conhecimento prático de uma instituição escolar.

Configurando-se como integrante essencial da formação profissional, o estágio compõe a grade curricular de Psicologia, trata-se de uma atividade obrigatória que integra o currículo do curso de graduação e propõe ao estudante um contato inicial com o exercício da profissão, diminuindo a distância entre o campo de atuação do psicólogo e a sala de aula. Para que tal processo seja eficaz, é importante a participação ativa do estagiário e a observação das condições objetivas em que se desenvolve essa formação (Araújo, 2016).

Durante o período de observação utilizou-se o Código de Ética Profissional do Psicólogo em seu Art. 9º, descrevendo-o: “É dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional” (CFP, 2005 p. 13).

Os resultados indicam que o estágio exerce um papel relevante por oportunizar experiências que contribuem para a formação em Psicologia e para permitir aproximações com a prática profissional. Através dele, os estagiários têm a oportunidade de articular a teoria com a prática, pois ao serem inseridos em determinados campos, buscam contextualizar a teoria, as discussões em sala de aula, com a realidade encontrada nas instituições e nas comunidades.

Psicologia Escolar

A educação é entendida como prática social humanizadora, intencional, cuja finalidade é transmitir a cultura construída historicamente pela humanidade. O homem não nasce humanizado, mas torna-se humano por seu pertencimento ao mundo histórico-social e pela incorporação desse mundo em si mesmo, processo este para o qual concorre a educação (Antunes, 2008). Pode-se afirmar, segundo a autora, que o processo pelo qual a psicologia conquistou sua autonomia como área de saber e o incremento do debate educacional e pedagógico nas primeiras décadas do século XX estão intimamente relacionados, de tal maneira que é possível afirmar que psicologia e educação são, historicamente, no Brasil, mutuamente constituintes uma da outra. Os campos de atuação da psicologia que se desenvolveram a partir dessa época, tornando-se campos tradicionais da profissão, como a atuação clínica e a intervenção sobre a organização do trabalho, tiveram suas raízes na educação, com a finalidade de atender crianças com dificuldades escolares, e pela Orientação Profissional, dentre outras ações educacionais.

Muitos foram os trabalhos realizados pela psicologia no âmbito da educação, oferecendo serviços de medidas escolares, pedagogia terapêutica e orientação psicopedagógica; além das muitas instituições estritamente educacionais que

desenvolviam trabalhos relacionados à Psicologia. A Psicologia Escolar define-se como um campo de produção de conhecimentos, de pesquisa e de intervenção e que, entre outras atribuições, assume um compromisso teórico e prático com as questões relativas à escola e a seus processos, sua dinâmica, resultados e atores (Marinho-Araújo; Almeida, 2005).

A ideia inicial era de que a psicologia escolar, como campo de atuação de profissionais da psicologia, desempenhasse uma função específica, alicerçada na psicologia e que se caracterizou inicialmente por adotar o modelo clínico de intervenção. A utilização e a interpretação indiscriminadas e aligeiradas de teorias e técnicas psicológicas, como os testes (principalmente os de nível mental e de prontidão); a responsabilização da criança e de sua família, em nome de problemas ditos de “ordem emocional”, para justificar o desempenho do aluno na escola e a redução dos processos pedagógicos aos fatores de natureza psicológica colaboraram para interpretações e práticas no mínimo equivocadas, desprezando o processo educativo como totalidade multideterminada, relegando a segundo plano, ou omitindo, fatores de natureza histórica, social, cultural, política, econômica e, sobretudo, pedagógica na determinação do processo educativo, isso fez com que o papel que a psicologia desempenhava na educação se tornasse objeto de crítica.

Nas palavras de Antunes (2008) é possível ter uma maior compreensão a respeito das críticas a respeito do papel desempenhado pela psicologia escolar da época.

Alguns psicólogos escolares e pesquisadores da área começaram, nessa época, a elaborar uma crítica radical à Psicologia Escolar e Educacional, criticava-se a hipertrofia da psicologia na educação e o reducionismo dos fatores educacionais e pedagógicos, aprofundando a crítica a seu modo de ação, avançando para a demonstração de que o enquadramento clínico terapêutico baseava-se num modelo médico, estranho às determinações pedagógicas, que tendia a patologizar e individualizar o processo educativo, distanciando-se da compreensão efetiva dos determinantes desse processo e desconsiderando ações então denominadas preventivas, que deveriam voltar-se para as condições mais propriamente pedagógicas, de forma a atuar mais coletivamente, com base

naquilo que hoje seria denominado de interdisciplinaridade, com os demais profissionais da educação e da escola.

O conhecimento psicológico estava incorporado à Pedagogia e à prática dos educadores e a atuação do psicólogo escolar adotava um modelo cada vez mais clínico-terapêutico, agindo fora da sala de aula, focando sua atenção na dimensão individual do educando e em seus “problemas”, atendendo, sobretudo, demandas específicas da escola, que encaminhava as crianças que tinham, a seu ver, “problemas de aprendizagem” ou outras manifestações consideradas como “distúrbios” inerentes ao próprio educando.

Nesse sentido, a superação dessa situação exigia não somente a crítica, mas também a restituição de seu núcleo de bom senso; fazia-se necessário devolver à psicologia seu lugar no processo pedagógico. A psicologia escolar deve se fundamentar, naquilo que lhe cabe, a compreensão do fenômeno educativo e dar base para o estabelecimento de processos efetivos de intervenção, que poderiam constituir-se na matriz de atuação do psicólogo escolar.

Tal atuação, deve pautar-se no domínio do referencial teórico da psicologia necessário à educação, mediatizado necessariamente por conhecimentos que são próprios do campo educativo e das áreas de conhecimento correlatas. Em outras palavras, afirma-se uma psicologia escolar comprometida radicalmente com a educação das classes populares, que supere o modelo clínico-terapêutico disfarçado e dissimulado ainda presente na representação que o psicólogo tem de sua própria ação, entendendo que a representação e, conseqüentemente, as expectativas que os demais profissionais da educação têm da psicologia, só serão superadas pela própria prática do psicólogo escolar.

Segundo Andaló (1984), tendo em vista a perspectiva de “agente de mudanças”, o psicólogo tem se focado basicamente na constituição de grupos operativos com alunos, professores e equipe técnica, no sentido de encaminhar uma reflexão crítica sobre a instituição, incluindo o processo de ensino-aprendizagem, a relação professor-aluno, as mudanças sociais que estão ocorrendo, evidenciando com isso, a defasagem cada vez maior que se

estabelece entre a escola e a vida. Esta maneira busca desfocar a atenção sobre o aluno como única fonte de dificuldades, como o único responsável e culpado pela crise geral pela qual a escola passa, propiciando uma visão mais global e mais compreensiva da situação, procurando considerar todos os seus aspectos e, conjuntamente, encontrar formas alternativas de enfrentá-la.

A Psicologia Escolar é entendida como um campo de atuação profissional do psicólogo e, também, de produção científica, caracterizado pela inserção da Psicologia no contexto escolar, sendo que o objetivo principal deste campo é mediar os processos de desenvolvimento humano e de aprendizagem, contribuindo para sua promoção. Mitjans Martinez (2003) conceitua a Psicologia Escolar como:

... um campo de atuação profissional do psicólogo (e eventualmente de produção científica) caracterizado pela utilização da Psicologia no contexto escolar, com o objetivo de contribuir para otimizar o processo educativo, entendido este como complexo processo de transmissão cultural e de espaço de desenvolvimento da subjetividade. (p. 107).

Desta forma, a autora aponta as especificidades da Psicologia Escolar e como ela pode contribuir para a promoção do processo educativo e pelo espaço de sua atuação, qual seja o das instituições do sistema escolar, sendo que essas delimitam um espaço que não se reduz à escola, apesar deste ser o espaço fundamental de atuação profissional. Segundo Davis e Oliveira (2010):

...a tarefa de ensinar, em nossa sociedade, não está concentrada nas mãos dos professores. O aluno não aprende apenas na escola, mas também através da família, dos amigos, de pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicação de massa, das experiências do cotidiano, dos movimentos sociais. Entretanto, a escola é a instituição social que se apresenta como responsável pela educação sistemática das crianças, jovens e até mesmo de adultos. No ambiente escolar a criança sofre uma transformação radical em sua forma de pensar. (p.28).

Por isso é de grande importância buscar-se maximizar os resultados obtidos no processo de aprendizagem, colocando a serviço da educação e do ensino o conjunto dos conhecimentos psicológicos sobre

as bases do desenvolvimento e da aprendizagem. Comtambém a respeito das referências que as crianças tem eles, o professor estará em posição mais favorável paraem suas vidas. Davis e Oliveira (2010) afirmam que planejar sua ação.

Contextualização do Estágio

Descrição do Campo de Estágio

O estágio foi realizado na cidade de Tangará da Serra, no Centro Municipal de Educação Joana D'arc. Tal instituição encontra-se no bairro Rio Preto.

O espaço físico: A escola é bem localizada e arborizada, conta com um ambiente agradável, salas de estudo, biblioteca, direção, coordenação, sala dos professores, sala multifuncional, secretaria, quadra coberta, parquinho, refeitório, pátio coberto, tênis de mesa, bancos nos corredores, bebedouros, banheiros e rampas adaptadas para pessoas com mobilidade reduzida, conta também com piso tátil de alerta e mesas e cadeiras com diferentes alturas, visto que atende crianças grandes e pequenas, trata-se de um colégio em reforma, onde metade dos matriculados estava sendo atendida durante uma semana, enquanto a outra metade estudava de forma remota, intercalando as semanas entre eles, mas que, posteriormente alugaram salas de uma faculdade próxima para poderem atender toda a comunidade escolar. Seu público alvo são as crianças dos bairros próximos e de zona rural, cursando o ensino fundamental.

A equipe de servidores conta com coordenadores específicos de cada ciclo sendo eles 3, um para os prés, um para as séries iniciais (1° ao 5° ano), e um para as séries finais do fundamental (6° ao 9° ano), secretárias, diretor, monitores de pátio, bibliotecário, serviços gerais, cozinheiras, professores, dentre outros.

Procedimentos Metodológicos

No primeiro encontro ocorreu uma roda de conversa com o Núcleo de Apoio Educacional (NAE), onde foi explicado o que é a psicologia escolar, para que ela serve e como surgiu. Tal encontro possibilitou aos estagiários um pensamento crítico sobre as diferentes realidades presentes dentro de uma escola, todo o âmbito social envolvido e

as operações cognitivas (aquelas envolvidas no processo de conhecer) são sempre ativamente construídas na interação com outros indivíduos. Em geral, o adulto ou a criança mais experiente fornece ajuda direta à criança, orientando-a e mostrando-lhe como proceder através de gestos e instruções verbais, em situações interativas. Na interação adulto-criança, gradativamente a fala social trazida pelo adulto vai sendo incorporada pela criança e o seu comportamento passa a ser, então, orientado por uma fala interna, que planeja a sua ação. Nesse momento, a fala está fundida com o pensamento da criança, está integrada às suas operações intelectuais. Reconhece-se, dessa maneira, que as pessoas, em especial as crianças, aprendem através de ações partilhadas mediadas pela linguagem e pela instrução (p. 27).

A reflexão que ficou foi a seguinte: A psicologia no Brasil surgiu a 60 anos, no campo educacional, chegou com uma forte ideia de testagem e avaliação de inteligência seguida de rotulação das crianças, elas eram as “culpadas” pelas suas dificuldades, pelos obstáculos que encontravam. Já a psicologia escolar moderna, não quer rotular essas crianças, ela está presente justamente para o contrário, explicando que outros fatores e outras condições estão ligados a falta aprendido, a falta de atenção, como por exemplo, políticas públicas de saúde (faz acompanhamento ou check-up no medico ou dentista?), (ela tem acesso à energia? ela tem acesso a locomoção caso more longe ou em área rural? e se sim, que horas essa criança acorda para pegar esse meio de transporte?), saneamento básico, (ela cresceu em bairros carente ou nos burgueses? teve acesso a escolas particulares ou públicas?), os fatores familiares (que horas essa criança tem que dormir, segundo as ordens de quem? essa criança tem se alimentado direito?) dentre muitos outros que podemos citar. Nas palavras de Davis e Oliveira (2010):

Crianças com fome tornam-se apáticas: não prestam atenção aos estímulos, não conseguem discriminá-los, não percebem as associações que estes provocam. Como consequência, não conseguem aprender. Crianças privadas de afeto tornam-se excessivamente dependentes da aprovação dos professores: são incapazes de tomar iniciativa, por medo de que sua maneira de se comportar provoque sanções reprimendas. Para que a aprendizagem ocorra é preciso, portanto, que se considere a

natureza dos estímulos presentes na situação, tipo de resposta que se espera obter e o estado físico e psicológico do organismo. (p. 40).

Tudo isso afeta diretamente em como a criança vai se desenvolver, aprender, é uma luta muito grande até os dias de hoje para desmistificar o pensamento da população, ela sempre vai achar que todos estão na mesma situação, mas isso não chega nem de perto a verdade.

No primeiro encontro em loco, as estagiárias se apresentaram para sua supervisora de estágio coordenadora das series finais (6° a 9° ano), foram apresentadas ao Projeto Político Pedagógico (PPP), onde pegaram as informações necessárias para a documentação do estágio. Em um segundo momento foram encaminhadas a observação da estrutura da escola, que está passando por reforma, então, apenas 8 salas estão aptas ao desenvolvimento das atividades/aulas, a escola conta com: sala de estudos, biblioteca, direção, sala dos professores com banheiro, coordenação, sala multifuncional, secretaria, quadra de esportes, parquinho, refeitório, pequeno bosque com árvores, sala de informática. Inicialmente foi feita a apresentação do prédio, um lugar agradável, bonito e organizado.

As estagiárias foram muito bem recebidas, a coordenadora disse estar ansiosa pela intervenção das mesmas ao final no estágio, deram também a liberdade de entrarem em sala quando as mesmas quisessem.

No segundo encontro as estagiárias foram encaminhadas para uma sala de 7° ano, a aula era de correções de atividades seguida de uma música que auxiliaria em uma próxima tarefa, foi possível observar um bom comportamento dos alunos, boa participação segundo as ordens da professora, descontração apenas nos momentos adequados, grande parte das crianças interagem o tempo todo, tanto com a professora, quanto com os colegas, mas haviam aqueles que não falavam nenhuma palavra durante todo o período de aula, ela propôs uma atividade em duplas, mas 4 crianças não quiseram se juntar com ninguém, realizando-a sozinhas, foram proferidos alguns palavrões e apelidos característicos de bullying (exemplo macaco), dentre os mais ativos na sala. Nas palavras de Malta *et. al.* (2010),

a percepção de violência nos atos de bullying nem sempre está clara para os estudantes, sendo que muitas vezes eles não conseguem diferenciar os limites entre brincadeiras, agressões verbais relativamente inócuas e maus-tratos violentos.

Durante o intervalo, as crianças lancharam, brincaram e conversaram, cada uma com seu grupo de amigos. Foi possível conversar com o diretor da escola, que teve a seguinte fala “não precisamos de mais monitores de pátio, e sim de psicólogos dentro de cada escola, pois nossas crianças estão lidando com muita coisa nesta parte do desenvolvimento” ele também comentou que alguns alunos estavam se automutilando.

Posteriormente as estagiárias foram dirigidas a uma turma de 9° ano, onde seria aplicada uma avaliação bimestral, os alunos eram muito focados, metade da turma é bem agitada, os do fundo, já os da frente são bem quietos e falam baixinho.

No terceiro encontro, as estagiárias foram convidadas a se juntar aos alunos, professores e pais, em uma manhã de sábado para um passeio ciclístico até uma chácara onde tem uma cachoeira. Foi possível observar a felicidade das crianças em percorrer o trajeto de 22km até o destino final, estavam muito animados e eufóricos por estarem participando de tal atividade. Os pais estavam acompanhando o circuito tanto de bicicleta quanto de carros ou motos, sempre apoiando seus pequenos com palavras como “você consegue”, “vamos lá” e “força”. Foi feita uma pausa para descansar, beber água e comer frutas, continuou-se o trajeto até enfim chegarem até a chácara, um lugar bem arborizado e fresco, um lanche estava aguardando os ciclistas, logo foram todos para a cachoeira que fica a cerca de 200m da casa, onde puderam se refrescar e brincar, algumas horas depois retornaram a escola e se deu fim ao passeio.

No quarto encontro, houve uma mudança de local de estágio em consequência da reforma que o colégio está recebendo, as aulas dos sextos aos nonos anos, tanto matutinos quanto vespertinos vão ocorrer na faculdade mais próxima, que é onde as estagiárias estudam. Em uma reunião com a coordenadora da escola, foram decididas as turmas onde as estagiárias fariam a intervenção com alunos 6° ano vespertino e 9° matutino. A coordenadora escolheu tais turmas

segundo sua observação, vista a “falta de maturidade e comunicação proveniente a pandemia”.

O retorno às aulas presenciais centrado exclusivamente na retomada dos componentes curriculares e objetos de aprendizagem, sem considerar a socialização que o ambiente escolar promove, deve ser objeto de intensa reflexão na nova compreensão da escola pós pandemia. O isolamento social impôs a toda a sociedade um “novo normal”, ainda não totalmente assimilado por todos, e que tem se traduzido em conflitos em diversos setores (Gabriel, *et. al.*, 2021).

As estagiárias foram dirigidas para a turma de sexto ano vespertino, onde foram observadas as seguintes questões: turma bastante agitada, somente alguns meninos participam assiduamente das atividades propostas, as meninas conversam o tempo todo, criança comendo papel, outra criança cuspidando bolinha de papel com tubo de caneta nos colegas, em seguida um aluno ofende seu colega de “marmota e idiota”, mesmo sendo proibido dentro do ambiente escolar uma aluna utiliza o aparelho eletrônico, em sala uma fileira inteira de crianças muito introvertidas, um menino disse “nessa escola todo mundo é triste e tem depressão”, as crianças de forma geral disseram que são consideradas a pior turma da escola. A secretaria de esportes ofertou um curso de basquete para toda a comunidade escolar, uma das crianças da turma questionou se haveria ônibus, pois, mora em zona rural e os anunciantes disseram que não é ofertada locomoção.

No quinto encontro, as estagiárias foram encaminhadas para uma turma de 9º ano, os alunos são bem descontraídos, a maior parte presta atenção e participa ativamente da aula, são muito unidos, alguns alunos não falam nada durante a aula e outros estão sempre dialogando, a professora colocou música pra animar as crianças enquanto faziam os cálculos propostos por ela. Surgiram alguns comentários, como: “com a minha mãe não tem diálogo, todo argumento, para ela, é má criação” e “não peguem nenhum dos meus colegas para atender, caso contrário ficarão loucas antes da segunda sessão”, aluno relatou que assiste diversos vídeos pornográficos em seu celular. Durante o intervalo, após lancharem, todas as crianças ficam reunidas no pátio da faculdade, alguns brincando com bolas, outros com jogos de cartas, ou só correndo e

conversando nas mesas. No segundo período, a turma foi dirigida a quadra da escola que fica a aproximadamente 400m da faculdade, onde foram jogar futsal, tênis de mesa ou ler na biblioteca, todos participando da atividade de sua preferência. De modo geral é uma turma muito calma, e fácil de lidar.

No sexto encontro as estagiárias utilizaram como método de intervenção uma roda de conversa com o 6º ano a respeito do bullying, na tentativa de mobilizar a diminuição de tais atos, que eram muito frequentes na turma, os métodos utilizados foram os de fazer um círculo com as cadeiras do refeitório e discutir a respeito, perguntas foram dirigidas as crianças como “o que você acha que é o bullying?”, “você já foi alvo dele, se sim, como se sentiu?”, “o que podemos fazer para que ele não volte a acontecer?”, dentre outras, dando sempre espaço para cada um falar. Malta, *et. al.* destaca as possíveis consequências desse tipo de atitude.

Como consequência dessas ocorrências de maus-tratos entre colegas de escola, os estudiosos ressaltam os prejuízos sobre o processo de aprendizagem dos alunos e a insegurança na escola. É importante ressaltar que tanto vítimas quanto agressores perdem o interesse pelo ensino, não se sentem motivados a frequentar as aulas e não se sentem seguros na escola diante da ocorrência do bullying (2010).

Ao final da conversa foi feita uma dinâmica onde todos os nomes seriam sorteados e cada criança faria um elogio para a pessoa sorteada, as estagiárias entregaram uma folha de papel para cada criança, poderiam ser feitos desenhos ou frases, utilizando de sua criatividade, foi pedido que escrevessem seus nomes e o nome do colega que receberia a “cartinha” (assim chamada por eles), quando todos terminaram os papeis foram recolhidos e analisados, para em seguida serem entregues para seus remetentes, juntamente a uma lembrancinha dada pelas estagiárias.

No sétimo encontro foi realizada uma outra roda de conversa, desta vez com o 9º ano, foi discutido o tema “o que é adolescência e quais os problemas enfrentados nessa fase”, os alunos trouxeram em peso o problema de comunicação e compreensão da família, falta de diálogo, conflitos internos, as diferenças entre a adolescência de um menino e de uma menina. De modo geral, todos

disseram que estão tendo muito mais cobranças e responsabilidades, do que antes, tanto dos pais, quando de professores e isso tem complicado muito as suas interações. E como melhorias eles disseram que gostariam de serem mais ouvidos, e mostrarem que os seus problemas também são importantes, que também precisam de atenção e como eles mesmos citaram “serem levados a sério” e terem mais liberdade visto que já estão “crescidos”.

O importante seria que o adolescente participasse das inquietudes que são a própria essência da atmosfera social em que vive. Ao dirigir seus esforços neste sentido, o adolescente não o faz visando chegar rapidamente ao estado de adulto, mas sim porque necessita adquirir direitos e liberdade similares aos que os adultos têm, sem deixar, no entanto, sua condição de jovem. (Vasconcelos, *et. al.*, p.84, 1984)

Os autores consideram muito importante que a escola também reconheça as necessidades, assim como as atitudes, capacidades e aspirações dos adolescentes que a frequentam, e da mesma forma reconheça as relações destes com a cultura em geral, e mais especificamente com o meio cultural do qual procedem.

E como encerramento as estagiarias deixaram a seguinte reflexão: “você quer ser escutado, mas você tem escutado?”, no sentido de fazerem pelo outro o que não fizeram/fazem para com eles.

Análise e Discussão da Experiência Vivenciada

Nesse tópico buscou-se apresentar as vivências experimentadas no campo do Estágio Básico Supervisionado no âmbito escolar, a partir das observações em uma escola, frente à realidade da comunidade, considerando a participação dos alunos de 6º e 9º ano e do contato enquanto acadêmicos. No momento da apresentação junto aos psicólogos da equipe do NAE foi possível compreender melhor a necessidade do conhecimento teórico para atuação prática. Nesse sentido, foi possível esclarecer como se deu a Psicologia Escolar, como ela vem sendo importante frente a realidade brasileira.

A escolha das turmas se deu no período de observação e em diálogo com coordenação, foi então percebida uma necessidade de estimular a boa relação entre os alunos do 6º ano, bem como reforçar alguns

valores que norteiam a vivência em grupo no espaço escolar. Outra análise foi por meio do relato da falta de um ambiente onde possam se expressar, por meio alunos do 9º ano.

Foi percebida na turma uma grande dificuldade na relação interpessoal, durante as conversas realizadas com todo o grupo do 6º ano, foram constantes os apelidos colocados uns aos outros e o desrespeito com as diferenças dos colegas. No intuito de promover a reflexão, foram realizadas algumas técnicas de dinâmica de grupo durante os encontros, também porque o sistema de trabalho com o grupo, como visto em Minicucci (2002), inicia-se a partir de uma insatisfação coletiva que gera um problema para o coletivo, de modo que para o autor, o grupo somente estará preparado para iniciar o trabalho quando percebe que estão descontentes com suas próprias atitudes e com o comportamento de seus colegas, e isto foi facilmente observado no 6º ano em relação ao bullying. As crianças mostraram muita dificuldade em expressar um elogio para com o colega, visto que suas relações eram sempre conflitantes, tiveram mais facilidade aqueles que tinham vínculo com o aluno sorteado.

Na roda de conversa com os adolescentes teve-se o intuito de dar espaço para que pudessem ser ouvidos, coisa que diziam sentir muita falta, visto nossa observação dentro de sala, todos trouxeram a falta de diálogo com a família e sua interação com ela como um dos maiores problemas enfrentados por eles, deixaram claro que querem ser escutados. Os problemas trazidos foram os seguintes: um dos adolescentes disse que foi abandonado pela mãe no início deste ano e foi morar com o seu pai, mas sente que não tem o amor dele e que o pai o vê como um “fardo”, foi relatado também por um adolescente, que seus pais tem mais carinho e afeto pelas irmãs do que por ele, outra fala foi a de que todas as vezes que tenta falar com a mãe ela vê como má criação e o pune. Nas palavras de Davis e Oliveira (2010):

As emoções estão presentes quando se busca conhecer, quando se estabelece relações com objetos físicos, concepções ou outros indivíduos. Afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade, embora em proporções variáveis. A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações e pelas ações dos indivíduos. O afeto pode, assim, ser entendido como a energia necessária para que a estrutura

cognitiva passe a operar. E mais: ele influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade. (p.105).

Pode se observar a grande vontade de se expressar, desabafar e ter com quem poder conversar, serem compreendidos sem sofrerem julgamentos.

Por fim, o estágio, proporcionou as estagiárias a superação da separação entre teoria e prática, possibilitando a aproximação da realidade. Embora o estágio realizado seja considerado em sua essência apenas de observação, entendemos que mesmo minimamente foi possível, sim, em alguns momentos participar de pequenas intervenções. Conclui-se utilizando das palavras de Pimenta e Lima (2004) os quais afirmam que o estágio é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade.

Considerações Finais

Após tudo o que foi exposto aqui, cabe-nos agora deixar nossas últimas impressões acerca do estágio em Psicologia Escolar. Primeiramente, relatar a enorme bagagem de conhecimentos que nos foram ofertados – tanto na parte teórica, na supervisão e orientação específicas, como também a incrível vivência dentro de uma instituição de ensino. Tal estágio deixou claro que Psicologia e Educação podem e devem trabalhar em conjunto. Uma fornece à outra seus conhecimentos específicos, e dessa interação surge algo novo, mais completo e cada vez mais rico. A escola nos abraçou em seu meio e essa experiência é algo muito além do que um simples

aprendizado teórico, foi uma troca vivencial, onde relações foram construídas e vínculos foram criados.

Através da vivência das rodas de conversa foi possível perceber o quanto à comunicação é indispensável no relacionamento entre as pessoas, principalmente num ambiente como a escola, que possui um grupo onde estão reunidos alunos, professores, diretores e demais funcionários; e ainda a comunidade composta por familiares.

Foi possível perceber na execução desse estágio que o ambiente escolar é muito rico para a área, e a junção Psicologia e Educação é essencial, pois a escola oferece um campo de estudo de comportamentos e relacionamentos dos mais simples aos mais complexos e que precisam ser explorados. O relacionamento com os profissionais da instituição foi ótimo, podendo interagir de forma geral com os mesmos, a supervisão contemplou os critérios do estágio, aprendemos bastante nesse tempo no qual estivemos presentes, esta experiência ficará marcada durante toda nossa trajetória acadêmica e profissional.

Em meio a tantas oportunidades vivenciadas no estágio, o tempo decorrente não foi o bastante para superar as possibilidades, que foram maiores no decorrer da jornada, foi gratificante ter vivenciado esse momento. Na oportunidade agradecemos a nossa Preceptora, a coordenadora local por ter nos acompanhado e facilitado toda a nossa prática de estágio, além do conteúdo a nós repassado pelo professor, auxiliando para que pudéssemos estar entre teoria e prática enriquecendo nossa concepção sobre o fazer do Psicólogo na área escolar.

Referências

- Andaló, C. S. D. A. (1984). O papel do psicólogo escolar. *Psicologia: Ciência e profissão*, 4, 43-46.
- Antunes, M. A. M. (2008). Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. *Psicologia escolar e educacional*, 12, 469-475.
- Brasil. Constituição. (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, 134(248), 2783427841-2783427841.
- Brasil. Constituição Federal. (1988). *Constituição da República Federativa Do Brasil*. Art. 205 e 206. Brasília, DF.
- CFP - Conselho Federal de Psicologia. (2005). *Código de ética profissional do psicólogo*. Brasília.

-
- Davis, C., & Oliveira, Z. (2010). *Psicologia na educação*. 3. ed. São Paulo: Cortez.
- Gabriel, N. D. S. *et al.* (2021). O retorno às aulas no pós-pandemia: estudo de caso e análise comparativa entre o ensino público e o ensino privado. *Terræ Didática*, 17, 01-13.
- Konzen, A. A. (1999). *O direito à educação escolar. O direito é aprender*. Brasília: FUNDESCOLA/MEC.
- Malta, D. C. *et al.* (2010). Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15, 3065-3076.
- Marinho-Araújo, C. M.; Almeida, S. F. C. de. **Psicologia escolar: construção e consolidação da identidade profissional**. São Paulo: Editora Alínea, 2005.
- Milanesi, I. (2012). Estágio supervisionado: concepções e práticas em ambientes escolares. *Educar em revista*, 209-227.
- Mitjás, M. A. (2003). O psicólogo na construção da proposta pedagógica da escola: áreas de atuação e desafios para a formação. In: Almeida, S. F. C. de (Org.). *Psicologia Escolar: ética e competências na formação e atuação profissional*. Campinas: Editora Alínea. p. 105-124.
- Minicucci, A. (2002). *Dinâmica de grupo: teorias e sistemas*. 5. ed. São Paulo: Atlas.
- Nascimento, A. S., Santos, C. D. J., & Silva, M. D. C. P. D. *Relatório Final de Estágio Supervisionado I e II No Centro de Referência de Assistência Social (Cras) Zilda Arns*, 2019.
- Oliveira-Monteiro, N. R. D., & Nunes, M. L. T. (2008). Supervisor de psicologia clínica: um professor idealizado?. *Psico-USF*, 13, 287-296.
- Pimenta, S. G., & Lima, M. S. L. (2004). *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez.
- Vasconcelos, A. *et al.* (1984). *Temas Básicos de Psicologia: Psicologia Escolar*. São Paulo: EPU.

Carla Reis Maia

Graduanda em Psicologia pela Anhanguera, Campus de Tangará da Serra – MT

E-mail: carlareismaia@hotmail.com

 <http://orcid.org/0000-0001-5518-7755>

Ketlin Dartore

Graduanda em Psicologia pela Anhanguera, Campus de Tangará da Serra – MT

E-mail: ketlin.dart1@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-0061-9631>

Eraldo Carlos Batista

Doutor em psicologia social pela PUCRS/FCR, Docente do Departamento de Psicologia da Anhanguera, Campus de Tangará da Serra – MT

E-mail: eraldopsico@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-7118-5888>

Recebido em: 29/06/2022

Aceito em: 05/08/2022